

AUTOR DO TEXTO



Francisco Antonio de Toledo

Historiador e Diretor da Pró-Memória

Manoel de Vasconcellos e seu tempo

Já se falou mais de uma vez que em Sumaré havia certa rivalidade entre italianos e portugueses nas primeiras décadas do século XX. Eles eram mesmo bem numerosos tanto na zona urbana como na rural. Tanto que até 1940, mais ou menos, italiano só casava com italiano e português com português. O que havia era a liderança política dos italianos. A rivalidade mesmo era só esportiva: Aliança e Paulista.

Um dos representantes mais expressivos dos portugueses da velha Rebouças era Manoel de Vasconcellos, mais conhecido popularmente como Maneco. Ele nasceu em Funchal, na Ilha da Madeira, em 1883. Seu pai era um engenheiro civil de origem nobre. Como se casou com uma moça plebéia, foi deserdado e ficou em situação financeira difícil. Na esperança de dias melhores, Manoel e a família vieram para o Brasil. Ele tinha 13 anos. Estabeleceram-se em São Paulo, no Imirim.

Manoel trabalhou como condutor de tropas, depois conseguiu emprego num Seminário de frades. Às vezes tinha que levar as roupas dos frades e dos seminaristas para lavar. Foi então que conheceu a filha da lavadeira, e com ela se casou. Chamava-se Carlota Bunker e era filha de mãe italiana e de pai austríaco. Manoel tinha 19 anos.

Em São Paulo morou entre os bairros de Santana e Imirim. Tinha algumas vacas de leite, que vendia a domicílio, e chegou a ter também uma pequena chácara.

Aí pelo ano de 1913 mudou-se para Rebouças, onde comprou propriedade perto da Ponte Seca, hoje saída para Nova Odessa. Vendeu mais tarde essas terras e comprou outras perto do cemitério. Mais tarde adquiriu a sede da Fazenda Paraíso e passou a morar aí. Nessa fazenda nasceu o neto Manoel Affonso de Vasconcellos, o Maíto, fonte principal deste relato. Posteriormente Maneco vendeu a propriedade do Paraíso ao filho José e com o dinheiro comprou vários sítios, formando a Fazenda San-

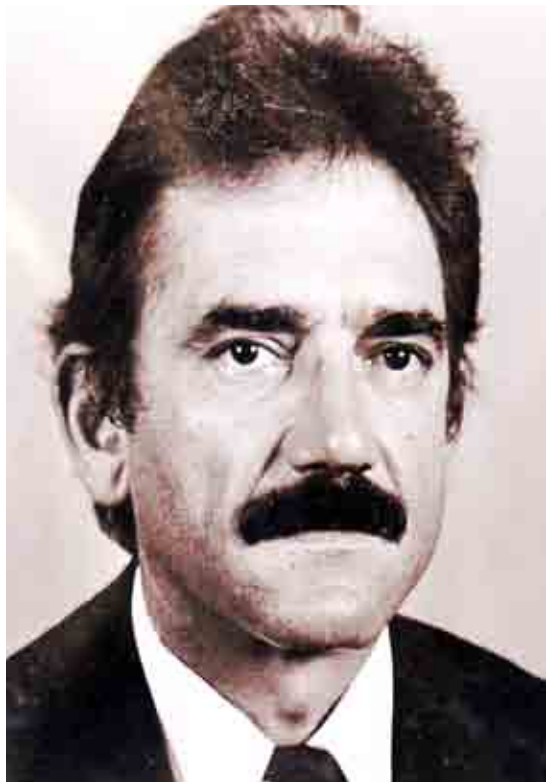
tana, atrás da antiga Texcolor. Maíto conta que por aí havia um belo casarão com duas letras no frontispício: B.G. Eram as iniciais de Basílio Guidotti, um dos primeiros moradores de Sumaré.

Mais tarde Manoel comprou a Fazenda Triunfo, depois a Fazenda Palmeiras perto da entrada de Sumaré na Anhanguera, que também vendeu para, em seguida comprar a Fazenda São João, de Francisco Volpe, apelidado de Chico Núncio. Durante todos os anos Maneco foi agricultor e pecuarista: plantava algodão e café, e criava gado. Na década de 1950, seu filho João teve um dos melhores plantéis de gado do Brasil. Gado de raça.

Manoel era uma pessoa

muito boa e querida por todos. Não possuía cultura acadêmica, mas era inteligente e empreendedor. Com sua mulher Carlota teve 9 filhos: João, Júlio, José, Eduardo, Armando, Arquimedes, Irene, Júlia e Otávio, e criou outros filhos adotivos. Juntamente com sua mulher tinha um grande coração. Morou muitos anos perto da Estação e sua casa estava sempre aberta para acolher as pessoas, tanto ricas como pobres. Na cozinha sempre havia uma mesa grande com caldeirão de leite, bule de café, cesto de pães, tijelinhas e bolas de manteiga na água. Quem chegava podia comer e beber à vontade.

Manoel faleceu em 2 de julho de 1958, aos 76 anos. Deixou 26 netos e 25 bisnetos.



Manoel Affonso de Vasconcellos



Carlota Bunker Vasconcellos



Manoel de Vasconcellos

† Falecimentos †

DE 08 A 14 DE DEZEMBRO DE 2022

DIA 08 DE DEZEMBRO DE 2022

Lindomar Elias de Luna, 46 anos
Maria Celina de Carvalho, 77 anos
Maria das Graças de Oliveira Gomes, 73 anos
Alminda Oliveira da Costa, 100 anos

DIA 09 DE DEZEMBRO DE 2022

José Pereira dos Santos Filho, 63 anos
João Leite Lima, 85 anos
Maria Tereza de Souza Camargo, 78 anos
Marcos Rodrigues de Souza Júnior, 19 anos
Aparecido Honório, 64 anos
Adilson Carlos de Almeida, 41 anos
Roberto Pires de Souza, 61 anos

DIA 10 DE DEZEMBRO DE 2022

Vanilda Silva Santos, 66 anos
Ana Cláudia Aparecida Bazella, 34 anos
Sueli Dias Campiche, 66 anos

DIA 11 DE DEZEMBRO DE 2022

Carlos Pessoa de Oliveira, 60 anos
Paulina Passuello Casarin, 97 anos
Anderson Martins Dias, 39 anos
Ancelmo Aparecido de Souza, 62 anos
José Marcos Filho, 79 anos

DIA 12 DE DEZEMBRO DE 2022

Sueli Viana Sturaro, 54 anos
Assumpta Piconi Marchiçolli, 96 anos
Maria da Conceição Luz dos Santos, 70 anos
Luiz Henrique Santos Rodrigues, 19 anos

DIA 13 DE DEZEMBRO DE 2022

José Muneratti, 79 anos
Pedro Santana, 67 anos

DIA 14 DE DEZEMBRO DE 2022

José Roberto Bertilocini Rodrigues, 61 anos
Vilma Aparecida Pereira, 61 anos
Idalina Rodrigues Xavier, 78 anos
Antonio Carlos Pires, 75 anos

Colaboração: Cemitério da Saudade de Sumaré

O POLÍTICO MANOEL DE VASCONCELLOS

Até 1953 Sumaré era distrito de Campinas. Era difícil eleger um vereador de Sumaré para a Câmara de Campinas. Pela falta de representante na Câmara Municipal, Sumaré viveu meio esquecido, durante várias décadas, e o povo reclamava com razão. Era preciso eleger um bom prefeito (o subprefeito era escolhido pelo Prefeito) e depois cobrar dele atenção para o distrito. Por isso os políticos de Sumaré tinham um papel importante nas eleições.

Entre 1930-1950 foi marcante a presença de Manoel de Vasconcellos na política local. Ele era um autêntico líder político. Sua atuação no período pré-eleitoral era decisiva. Maneco sondava os candidatos a prefeito para ver qual deles seria melhor para Sumaré, independente do partido,

e trabalhava sem parar para elegê-lo.

Antes das eleições vinha o material de Campinas: cédulas, envelopes, cartazes. Alguns dias antes das eleições passava de casa em casa, na zona rural principalmente, para conversar com o pessoal, explicar tudo sobre a eleição e em quem se deveria votar. Um dia antes das eleições convocava filhos, netos e amigos e fazia os montinhos, isto é, enchia os envelopes de cédulas. Naquele tempo não havia cédula única, muito menos voto eletrônico. O eleitor pegava um envelope, colocava dentro as cédulas com os nomes dos candidatos, depois depositava o envelope na urna.

No dia da eleição Maneco chamava os correligionários, que iam de caminhão, carro, car-

roça, trole até a casa do eleitor e o trazia até a cidade. Reunia os eleitores em frente da Subprefeitura, ou em frente de sua casa, e aí dava as instruções para os eleitores. Essa reunião se chamava chiqueirinho. Cada eleitor recebia um envelope com as cédulas do candidato do Maneco. O eleitor nem lia. Votava e depois quando alguém lhe perguntava em quem tinha votado respondia: “Votei no Maneco”, mesmo que ele não fosse candidato.

Maneco não tinha propriamente um partido político. Votava e fazia campanha pelo candidato que achava melhor. Quando o seu candidato perdia, passava a apoiar o vencedor. Ele nunca se beneficiava do poder. Só queria que o eleito ajudasse Sumaré.

No dizer de Maíto, Mar-

celo Pedroni também tinha liderança na cidade, mas faltava-lhe tato político, que sobrava em Maneco. Outro que tinha liderança e peso político na época, era Francisco Giaj-Levra, de raízes anarquistas. Foi um ideólogo de valor. Influenciou os italianos, os funcionários da Companhia Paulista, onde trabalhou como engenheiro eletrotécnico por muitos anos. Era muito correto, sério e competente. Mas não era um político simpático. O José Pereira, que foi do PTB e, depois do histórico MDB, foi discípulo de Giaj-Levra.

Francisco Antonio de Toledo

Do livro “Sumaré – Outras Histórias”, de 2005.

Publicado no Tribuna Liberal de 10/09/2014